

Maria Inez do
Espírito Santo

Psicanalista e
Pedadoga

Por um estilo próprio de ser... professor

Ouvir professores reclamando de condições de trabalho, tornou-se uma constante já tão assimilada, que pode parecer utópico tentar descobrir por detrás da cantilena do missionário-fracassado, pobre mártir numa sociedade injusta, um aspecto novo que explique parte do desestímulo e da desesperança.

Foi exatamente o que ousei fazer, quando escolhi como tema de pesquisa e conteúdo de monografia de Pós-Graduação, a questão do estilo na formação do professor.

Educadora e psicanalista, o que me chamou atenção e me animou a procurar nas entrelinhas do discurso um outro sentido, um novo enfoque, foi exatamente o fato de que alguns professores conseguiam, apesar de todas as condições adversas, orgulharem-se de seu trabalho e levá-lo adiante com vitalidade sempre renovada. Significativamente estes eram os mais bem-sucedidos (sempre lembrados por seus ex-alunos) e aqueles que

declaravam que, se pudessem recomeçar a viver, fariam exatamente a mesma escolha profissional.

Pensar, então, o processo de formação do professor pareceu-

ria de sua própria formação e atuação. Nos teóricos, já publicados, encontrei embasamento a temas apontados pelos entrevistados como constituintes da via-régia

“...alguns professores conseguiam, apesar de todas as condições adversas, orgulharem-se de seu trabalho e levá-lo adiante com vitalidade sempre renovada.”

me o caminho mais indicado para aproximar-me dessa área misteriosa, onde se dá para uns a condenação e para outros a realização.

Pus-me, então, a ouvir professores sobre o conceito que tinham de si mesmos como profissionais, a selecionar em jornais e revistas o material contemporâneo sobre a mesma questão e a analisar os programas dos cursos de formação de professores.

Paralelamente, fui buscar o lado oposto da mesma questão: mestres que se destacaram por uma presença genuína e a histó-

para alcançar no magistério a plenitude possível da realização profissional.

No final da pesquisa não me pareceu difícil perceber em que ponto se dava o entroncamento, onde principiava o distanciamento dos dois caminhos. Venho propor aqui que voltemos a esse ponto.

Como tudo começou

Passsei a maior parte da minha vida mergulhada nas questões educacionais. Vocação ou destino, desde muito cedo interessei-



me pelos bastidores daquela tentativa de “mágica” que se ensaiava continuamente a meu redor, com os pais e os professores procurando incessantemente modificar as crianças e os jovens, buscando torná-los alguma coisa que eles (os adultos) acreditavam ser muito melhor do que a simples expressão do existir de cada educando. Ainda menina preocupava-me saber por que algumas colegas e mesmo alguns de meus irmãos tinham ritmo de aprender diferente do meu, alguns eram considerados tão “desobedientes” e mais ainda por que certos tipos de crianças não podiam frequentar as “boas” escolas nas quais nós estudávamos e eram consideradas “deficientes”.

Bem cedo eu percebi que os professores nem sempre pareciam muito convictos do que ensinavam e se desesperavam muito facilmente quando aparecia em classe algum aluno mais contestador, mais curioso, tendo enfim um comportamento que era

classificado negativamente de “inquieto” e que, na maioria das vezes, era julgado como prejudicial ao grupo.

“...aparecia em classe algum aluno mais contestador, mais curioso, tendo enfim um comportamento que era classificado negativamente de ‘inquieto’...”

Vocação ou destino, guiada por escolha inconsciente certamente, tudo isso foi me levando por caminhos e atalhos variados (em que eu buscava sempre desviar-me de um roteiro inevitável), acabando por me dar a oportunidade de criar uma escola. A Escola Viva, surgida em Petrópolis no final de 1973, foi o meu reduto de resistência criativa num Brasil amordaçado. Sem me dar conta, eu me protegi da época da ditadura militar, voltando-me para a educação das crianças e comprometendo-me com a Vida, com o

impulso criador, revitalizante e sempre transformador (num tempo onde a idéia de agressividade esteve vinculada com morte e com o petrificante amortecimento do pensar e do sentir).

Como educadora, defrontei-me, no início de meu trabalho na Escola Viva com a questão das diferenças individuais na educação. Criada num ambiente em que discriminação era considerada atitude normal, ao fazer uma escola, não me lembrei, a princípio, das tais crianças ditas “especiais”. Até que elas me chegaram. Chegando o primeiro, um menino por-

tador da Síndrome de Down, abriram-se, com sua matrícula, as portas para todas as crianças cujos pais me procuraram. A Escola Viva transformou-se, assim, naturalmente, num espaço onde não se fazia seleção de alunos. Todos eram bem-vindos e frequentavam, juntos, classes comuns.

Por conta dessa experiência ter surgido acidentalmente, em contingências que a própria prática criou, sem ter onde me apoiar teoricamente para embasar um trabalho que eu queria e sabia que podia fazer, tive que ir forman-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

DEZ/99

52

do, eu mesma, uma filosofia de trabalho que envolvesse a postura que eu já adotara.

Aconteceu que, sem ter pessoal especializado naquilo que eu estava criando quase que de improviso, só me restava preparar, a partir dali, a minha equipe. E é claro que, falando incessantemente no valor da singularidade de cada sujeito, valorizando cada diferente manifestação de ser de todo aluno que me chegava, eu não podia rejeitar ver e estimular que todos vissem as diferenças individuais também dos educadores. Se isso afastou, apavorados, muitos que se chegaram, sem ter de fato nenhuma afinidade com meu pensamento, aproximou tantos outros, criaturas humanas fascinantes que, como professores, colaboradores ou pais de alunos contribuíram para o sucesso da Escola Viva.

Hoje, quando às vezes faço o relato desse trabalho, esbarro na incredulidade de alguns “educadores”, que querem saber com que tipo de pessoal se pode trabalhar, juntando numa mesma classe regular todo tipo de aluno. A dificuldade de fazê-los crer que isso não só é possível, como deveria ser o natural e até óbvio, já que a história contemporânea nos faz viver os resultados negativos das compartimentações humanas, me levou a refletir mais seriamente sobre a formação dos professores.

Afinal, de algum ponto preci-

“...falando incessantemente no valor da singularidade de cada sujeito, valorizando cada diferente manifestação de ser de todo aluno que me chegava, eu não podia rejeitar ver e estimular que todos vissem as diferenças individuais também dos educadores.”

sa partir a transformação. Se ela não se pode dar sem agentes transformadores, pensemos em formá-los.

Da pedagogia à psicanálise, promovendo educação

Não encontrei na Pedagogia a orientação que me socorresse quando fui topando, ao longo do caminho da Escola Viva, com questões educacionais mais profundas, que me remetiam muitas vezes a uma sensação de impotência e principalmente de dolorosa solidão. Ia percebendo, então, como se sentiam os educadores dedicados, aqueles que querem participar da transformação de seu aluno e não apenas promover sua formatação.

Foi através da psicanálise que me chegaram as primeiras respostas e as muitas outras perguntas que me foram permitindo criar um trabalho genuíno e digno. Com ela, autorizei-me a considerar com mais respeito a singularidade do sujeito. Afinal, é isso que a experiência analítica visa a produzir, diferentemente da pedagogia ortodoxa que visa reproduzir, através da autoridade do educa-

dor sobre o educando, um modelo de ser humano conforme os interesses do grupo mais poderoso. Tal postura pedagógica parece, ainda hoje, aceita como imutável por alguns professores, correndo até mesmo o risco de se eternizar.

Tomar consciência do direito natural que todos temos a uma forma singular de existência e desse poder destrutivo e alienante exercido quando, através do processo educativo, se pretende instaurar uma só regra, que seleciona, segrega e elimina, formando indivíduos padronizados e infelizes, parece ser uma ameaça tão grande, que se usa comumente a racionalização como mecanismo de defesa frente a essa evidência.

É exatamente aí que a psicanálise vem em socorro da pedagogia, impedindo-a de, por arrogância (que nasce da ignorância), continuar a incorrer nos mesmos terríveis e imperdoáveis erros. Quando aprendemos com Freud que todos padecemos, muito precocemente, de um sentimento de incompletude e de “falta” básica, podemos ousar pensar a possibilidade de ocupar, por elaboração

“Para chegar o mais perto possível do mistério da formação do estilo próprio do professor, procurei onde ele existia evidente.”

e escolha, um outro lugar, menos defensivamente “fálico”, que nos permita conhecer a fertilidade de uma posição “feminina”, continente de geração e desenvolvimento.

A partir de então, foi possível analisar com mais coragem e lucidez a escola e os educadores que somos, lamentando ver-nos em cena, atuando no campo do simulacro, cenário adequado à farsa e à enganação. O que passou a me guiar foi a confiança na capacidade de transformação, no lado positivo da agressividade constitucional, impulso de vida em direção ao criar e ressignificar contínuos.

Mestres e lições inesquecíveis

Para chegar o mais perto possível do mistério da formação do estilo próprio do professor, procurei onde ele existia evidente.

Escolhi ouvir Léa Fagundes da Cruz, Leandro Konder, Fernando Lébeis, Nilda Teves, Maurício Cardoso de Mello Silva. Mestres consagrados, todos se destacaram especialmente por um estilo próprio de ser professor. Amados pelos alunos, especialis-

tas no trato delicado da relação pedagógica direta e, ao mesmo tempo, famosos por cativarem platéias numerosas em aulas e conferências, todos se declararam orgulhosos de seu ofício, felizes com o que conseguiram até aqui em suas vidas profissionais e foram dando algumas “dicas” sobre os ingredientes fundamentais na formação do professor, como busco sintetizar aqui:

1 Sobre o corpo/ os sentidos/ o olhar

Se a experiência sensorial é inauguradora de nossa existência, se temos nossa inserção no mundo garantida pelas primeiras experiências do prazer ligado à satisfação de necessidades corporais, parece natural que o professor não deva abrir mão da expressão dessa potencialidade, até como forma de atingir mais amplo grau de aproximação do educando, justamente por compartilharem aquela experiência inaugural, tão básica para todo ser humano.

A verdade é que muitos de nós agimos como se não tivéssemos um corpo. Ensinamos, pondo

para fora da sala de aula a maior parte de nossa capacidade perceptiva. Queremos que os alunos sejam olhos que olham apenas para a frente e ouvidos que ouçam apenas o que lhes temos a dizer. E exigimos de nós mesmos sermos, também, parcialmente surdos e cegos, semi-paralisados, para estar numa mesma postura distante e fria. Dessa forma, é comum que tantas doenças ligadas a *stress* afastem periodicamente os professores das salas de aula e que os alunos, cada vez mais, se desinteressem pelo estudo.

Quando objeto do olhar do professor, o aluno se presentifica. Objeto do olhar do aluno, o professor renasce.

2 Sobre paixão/ desejo/ sensualidade/ erotismo

Como é bonito e revitalizante ouvir uma fala apaixonada! No entanto, comumente, a paixão é retirada da educação, como se fosse um agente corruptor e maléfico, capaz de levar a transgressões destrutivas. Talvez isso se dê pela mistura dos termos passional e patológico. Identificada com um estado doentio, de loucura, a paixão fica proscrita, ameaçadora que parece, ao pensamento racional.

Mas se, na educação, paixão é palavra pouco recomendada, é exatamente por seu parentesco direto com questões mais proibidas ainda, ligadas à sexualidade.

“Ser competente deveria ser pré-requisito para se tornar um bom professor. Não é. Nem sempre aquele que tem mais conhecimento é o mais competente.”

Falar, talvez, já se admita, mas lidar com essas questões como fatos presentes, aí já é um pouco mais difícil...

Na escola, sexualidade é assunto restrito a aulas específicas sobre o assunto. Admitir que as relações humanas são envoltas em erotismo é coisa que causa, no mínimo, certo desconforto. Pensar que a questão da transmissão e aquisição do conhecimento se dá numa relação direta com a da curiosidade sexual, é, ainda, para muitos professores, um assunto complexo demais.

Foi nos primeiros anos deste século, que estamos a ver encerrado, que Freud scandalizou a Europa com a afirmação sobre a presença da sexualidade infantil. A partir daí, descortinou-se todo o universo da sexualidade humana, não mais restrita à genitalidade, mas ligada aos impulsos de vida e morte, construtores da história da nossa própria existência.

3 Sobre sentimento/ amizade/ conhecimento

Mas se a sobra de energia pulsional nos levou pelo caminho da nossa percepção de mundo a escolher um objeto para nosso

movimento de sublimação, o resultante dessa relação, o sentimento, nossa forma de reagir ao mundo que nos cerca, atestado interno de que estamos vivos, esse empresta “cor”, “relevo” e “som” vindos de um outro espaço.

Quando a maioria dos professores tiver claro dentro de si esse movimento entre amar e aprender, provavelmente deixarão de haver tantos casos de problemas de aprendizagem, de distúrbio de comportamento, de desistência de cursos universitários mal escolhidos. Principalmente, quando o movimento entre amar e aprender for, verdadeiramente, de mão e contramão, diminuirão consideravelmente os casos de professores que não gostam de estudar, que se queixam de preparar as aulas e que nunca pararam para se perguntar sobre quem são de fato e que tipo de seres humanos esperam estar formando.

4 Sobre seriedade/ compromisso/ competência

Todos os entrevistados concordam: o caminho da realização profissional se faz com muito estudo, muito envolvimento, muita seriedade e dedicação. E o estudo tem

que ser todo aquele necessário a uma boa formação do conteúdo do conhecimento.

Todo profissional tem compromisso. Professores, como profissionais têm compromisso. Mes-tres têm comprometimento. Esse, que não se marca no relógio de ponto, não conta tempo p’ra aposentadoria, nem ao menos garante o destaque de paraninfo no final do ano. Comprometimento gerado por afeto.

Ser competente deveria ser pré-requisito para se tornar um bom professor. Não é. Nem sempre aquele que tem mais conhecimento é o mais competente. Competência tem mais a ver com sabedoria, que no parentesco com sabor, nos leva de volta aos sentidos e aos sentimentos.

Nenhum desejo de vitória, relacionada com competição, que, natural no ser humano, se não nos pode surpreender, deve, ao bom professor, desinteressar. Até porque sua vida pode se construir de inúmeros e pequenos sucessos. Um após o outro, podem ser conquistados na superação das próprias limitações, que precisam ser conhecidas e aceitas.

5 Sobre luz/ sombra/ auto-conhecimento

A psicanálise, mal compreendida, pode parecer dizer que aquilo que se esconde, que se reprime ou recalca, é algo de ruim. Que o que não é compatível com

a realidade é destrutivo. Mas isso sim, é ilusão, senão preconceito. Nossas instâncias psíquicas, como um quintal da infância, abrigam “cavernas” e “faróis”, “navios piratas” (talvez hoje “naves interplanetárias”). Por ali transitam as representações, mudam-se os disfarces, mas quem está escondido quer sempre ser encontrado, p’ra “brincadeira” continuar.

Provavelmente foi assim que aconteceu com esses bons mestres. Que não tiveram tanto medo de se conhecer e guardaram, com isso, sua energia criativa. Não se pode saber de fora, sem se saber do interior. Não se pode descobrir o mundo, sem descobrir-se a si próprio. O professor que fez, ele próprio, essa caminhada pode ser um guia confiável, pode ajudar a outros pequenos “Peter Pans” a recuperarem suas sombras.

A contribuição inestimável que Freud trouxe à humanidade, fazendo novo corte epistemológico decisivo ao afirmar que não somos regidos por nossa consciência apenas, mas que somos sujeitos também de nosso inconsciente, precisa entrar porta a dentro da escola e tem que começar sua chegada pela sala dos professores.

Saber de si mesmo só faz o professor mais capaz de optar, conscientemente, por sua própria maneira de ser. Não se trata de ser bom, seguindo apenas um modelo, uma forma, uma regra, um manual. Trata-se de sê-lo através do livre-arbítrio, bem supremo da criação humana.

6 Sobre pedagogia/ psicanálise — transferência/ desapego

Felizmente parece que estamos chegando, ao final desse século XX, a um tempo onde a multidisciplinaridade talvez possa pôr fim a uma divisão rígida entre os campos das diversas ciências que, além de denunciar a arrogância do ser humano, constitui-se numa postura esterilizante e ressentida.

O que pertence ao campo da pedagogia e o que pertence ao campo da psicanálise? Se o que move o ser humano na sua busca pelo saber é o intuito de caminhar

tos, a esperança de que a psicanálise pudesse relacionar-se diretamente com a educação.

Uma das mais importantes lições que a psicanálise aprendeu com a própria prática e que pode e deve, portanto, oferecer à pedagogia (como a muitas outras ciências — a medicina, por exemplo) é a formulação do conceito de transferência.

Aquele objeto perdido, que proporcionou a nossa primeira experiência de prazer ligada à satisfação de necessidade (na primeira mamada) e que foi inaugurador de nosso desejo, nós o procuraremos inutilmente vida a

“Não se pode descobrir o mundo, sem descobrir-se a si próprio. O professor que fez, ele próprio, essa caminhada pode ser um guia confiável...”

em direção ao bem-estar e à felicidade possível, as ciências humanas têm todas, aí, ao menos em parte, um campo comum.

Freud sabia disso. Aliás, o grande mestre da psicanálise buscava no estudo dos mitos, portanto na cultura popular, na literatura, nas artes, na filosofia e na arqueologia, os fundamentos com que construía sua ciência. E, em relação à educação, esteve sempre de portas abertas, contribuindo com seu brilhante pensamento para a reflexão de educadores de sua época e deixando, em seus escri-

fora. Ele parece estar sempre adiante e é como a felicidade descrita pelo poeta, que nunca pomos onde nós estamos. Graças a sua diáfana recordação, investimos todos os outros objetos da energia necessária para nos relacionarmos com eles. De transferência em transferência, vamos colorindo a vida com nossos afetos.

É essa relação portanto, necessária e felizmente idealizada, que se estabelece entre aluno e professor. Relação de transferência: uma relação secreta e misteriosa, que por essa mesma propriedade

“Do mais puro e autêntico amor. O amor de transferência é, em essência, o único tipo de amor que existe e, conhecido como tal, nos ensina nossos limites e o limite do outro.”

de enigmática magia nos leva à necessidade de saber de nós mesmos e do outro, na busca da alteridade. Relação de amor. Do mais puro e autêntico amor. O amor de transferência é, em essência, o único tipo de amor que existe e, conhecido como tal, nos ensina nossos limites e o limite do outro.

Sem memória e sem desejo (Bion nos preconizou), se quisermos ser verdadeiros psicanalistas. Sem memória — iniciando sempre, a cada dia, cada momento, com a capacidade de se surpreender; sem desejo próprio, em relação ao destino e à forma de ser do educando — assim, provavelmente deva agir o mestre que quiser respeitar no educando a “chama” da vocação nascente.

7 Sobre palavra/ teatro/ história

Aqui, a palavra enunciada ganha lugar de destaque. Mas quando a palavra justa é negada, quando o educador não promove que o educando possa nomear aquilo que o afeta e faz viver em conflito

interno, ele (o educador) exerce seu poder para, anulando o desejo do outro, impor-se como único sujeito desejante. No entanto, não basta falar ou fingir que se ouve.

Deixar falar o educando. Falar o educador sem medo do erro, mesmo porque, às vezes, inevitável. Os entrevistados aconselham que se fale sobre como é ser professor. Que se converse sobre a vida. Que haja troca.

Podemos ver, além disso a importância das atividades expressivas, da vivência teatral como capaz de favorecer também nosso estar “em cena” na vida e nos facilitando, assim, a entrada na história de nossa época, para que possamos assumir, também ali, o papel de ator que nos cabe.

8 Sobre singularidade/ subjetividade/ estilo

Singulares todos os entrevistados. Como singulares eram seus bons mestres inesquecíveis. Cada um com seu estilo. Mesmo assim, apaixonados e apaixonantes, nenhum enlouquecido pela posses-

são incontrolável. Ao contrário, justamente porque sujeitos, genuinamente constituídos em sua própria maneira de ser, criativos e criadores, podem regular-se, naturalmente, por registros éticos e estéticos.

Para esses mestres e outros que, como eles, reconhecem o valor da subjetividade no exercício de sua profissão e a mantêm com zelo constante, a educação não passa pelo processo de reprodução, mas de implementação de novas singularidades.

9 Sobre identidade/cidadania/ currículo

Se pensarmos currículo como um espaço onde o processo educacional pode promover ressignificações construtivas, capazes de criar a dinâmica de vitalidade e transformação contínua, que trazem sentido ao percurso pedagógico, teremos que desejar também que ele se volte para uma maior aproximação de nossa cultura e de nossas origens.

A mais recente lei do Ensino, conhecida como Lei Darcy Ribeiro, prevê a formação contínua dos professores, o que nos parece um avanço. Cria os Institutos Superiores de Educação, retomando talvez a idéia de manter centros de pesquisa permanente, que promovam a atualização e o aperfeiçoamento na área educacional. Talvez o mais importante de seu

conteúdo seja o espaço de respeito à pluralidade de idéias e à diversidade dos contextos, que essa lei busca abrir. Seguindo esse mesmo espírito, ela dá importância assinalada, na formação da relação teoria e prática, buscando a real práxis educacional.

Da realidade alienante ao prazer sublime

Acredito que o caminho em direção a tornar o exercício do magistério uma atividade prazerosa, geradora de uma educação fertilizante e capaz de promover seres humanos mais íntegros e criativos, se faça também a partir do resgate de raízes. Raízes pessoais, que surgem com o aprofundamento do conhecimento de si mesmo e raízes culturais, que se encontram quando somos capazes de nos abriremos para o mundo que nos cerca, absorvendo dele a seiva que nos alimenta a auto-estima e renovando-o, ao mesmo tempo, com nossa contribuição genuína e única.

A formação do professor, tal como ainda tem sido feita, pouco ou quase nada prevê de espaço para o respeito às diferenças individuais. Os "mestres" são preparados dentro de propostas que reproduzem uma sociedade desalentada, de forma a servirem a um sistema viciado e falido, em relação a valores éticos e morais.

Conseqüentemente, tornam-se, eles próprios, reprodutores do desalento e da apatia.

Mas aí está, a nosso redor, esse celeiro de guardados preciosos, que constituem nossa cultura, o reservatório de libido e de beleza que é a alma brasileira, composta por infinitas, pequenas e aparentemente insignificantes contribuições, que reúnem etnias, costumes, flora, fauna, paisagens naturais tão díspares, tão fantásticas, capazes de gerar uma mitologia particular e uma singular forma de sentir e ser, para esse que somos cada um de nós: o brasileiro comum.

de si mesmos e se proponham a saber do outro, que tenham garantido o prazer de educar, no direito ao exercício de serem, eles próprios, fiéis a sua escolha existencial, talvez seja imaginável a possibilidade de um fazer educativo que respeite, que não mutile, que integre e promova. Talvez seja possível acreditar numa realidade onde haja espaço para um novo professor: educador com estilo próprio.

Nota final: Este artigo é uma tentativa de resumo da monografia *Em defesa de um estilo próprio de ser... professor*, escrita pela mesma autora, como traba-

"Acredito que o caminho em direção a tornar o exercício do magistério uma atividade prazerosa, geradora de uma educação fertilizante e capaz de promover seres humanos mais íntegros e criativos, se faça também a partir do resgate de raízes."

Voltar a educação dos professores para o movimento contínuo dentro/fora, que refazendo constantemente a energia vital individual, reproduz a constante transformação energética da natureza, pode fazer com que se percebam, olhem e vejam o ambiente a sua volta e redescubram o encanto natural do pertencimento.

Se viermos a promover a formação de professores que saibam

lho final do Curso de Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior da Faculdade da Cidade, em 1998.

Sua extensa bibliografia, a íntegra das entrevistas, como também a Escala de Atitudes e todo o material pesquisado, podem ser consultados no original do trabalho arquivado pela UniverCidade ou conseguidos através de contato pelo e-mail: mies@trip.com.br